



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ARYELLEN CRISTHINE FREIRE MATOSO

“BUONGIORNO, PRINCIPESSA!”
UMA ANÁLISE DO FILME “A VIDA É BELA” SOB A VISÃO DA LOGOTERAPIA
DE VIKTOR EMIL FRANKL

JOÃO PESSOA

2021

ARYELLEN CRISTHINE FREIRE MATOSO

“BUONGIORNO, PRINCIPESSA!”
UMA ANÁLISE DO FILME “A VIDA É BELA” SOB A VISÃO DA LOGOTERAPIA
DE VIKTOR EMIL FRANKL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como
parte das exigências para obtenção do título de
bacharel em Psicologia

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Marísia Oliveira
da Silva.

JOÃO PESSOA – PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M433b Matoso, Aryellen Cristhine Freire.
"Buongiorno, Principessa!" : uma análise do filme "A
Vida é bela" sob a visão da Logoterapia de Viktor Emil
Frankl / Aryellen Cristhine Freire Matoso. - João
Pessoa, 2021.
42 f.

Orientadora: Marísia Oliveira da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2021.

1. Sentido da vida. 2. Resiliência. 3. Logoterapia. I.
Silva, Marísia Oliveira da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 159.9

ARYELLEN CRISTHINE FREIRE MATOSO

“BUONGIORNO, PRINCIPESSA!”

**UMA ANÁLISE DO FILME “A VIDA É BELA” SOB A VISÃO DA LOGOTERAPIA
DE VIKTOR EMIL FRANKL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba, como parte
das exigências para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: 17/07/2021.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Marísia Oliveira da Silva (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Sandra Souza da Silva (Examinadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Thiago Antonio Avellar de Aquino (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho à minha querida mãe, Valéria, que sempre esteve comigo em todos os momentos da minha trajetória de vida, segurando minha mão e me dando forças para continuar sempre. E que, apesar de todas as batalhas que viveu e vive, nunca desistiu, dizendo sempre sim à vida.

Com amor e carinho, Lelyh.

AGRADECIMENTOS

À Deus, à Jesus, à Maria e à espiritualidade amiga, que me ouvem, me conhecem e me permitiram chegar até aqui.

Aos meus pais, Valéria e Alexandre, por me darem a oportunidade de conquistar minha formação. Por me amarem, mesmo cada um do seu jeito, por me apoiarem e nunca soltarem minha mão, dando todo conforto que podiam e se sentiam capazes. Foram muitas lutas, e sou muitíssimo grata por estarem sempre comigo.

Às minhas irmãs, Anyellen e Adryellen, por caminharem comigo, dando suporte, amor e carinho, cada uma com sua maneira singular.

À minha irmã Anyellen, por segurar minha mão me fortalecendo todos os dias, dentro e fora do curso. Por me dar o presente de dividirmos as experiências de estar no mesmo curso juntas, compartilhando o doce e o amargo das vivências, dando suporte uma a outra.

Às minhas tias, Cristhina e Sandra, pelas palavras de conforto e por estarem comigo, dando apoio para o que eu precisasse, pelos bons momentos vividos.

Aos meus amigos, Gleiciano, Marina e Hívia, por caminharem comigo dentro e fora do meio acadêmico. À Felipe Damasceno, que, mesmo muito tempo distante, continua sendo de grande importância.

À Anderson Queiroz e à Patrícia Menezes, companheiros de curso, amigos, bons ouvintes de palavras sábias, por me acolherem sempre com calma, paciência e nunca soltarem minha mão.

À Edinelha, Fernanda, Maria das Graças e família e a todos que sempre colocam eu e minha família em suas orações, nos desejando sempre o bem.

À Anselmo Gonçalves que, mesmo longe, se fez presente. Gratidão por seu amor e carinho.

À professora Marísia, por acreditar em mim e me dar a oportunidade de sua orientação.

Aos professores Sandra Souza e Thiago Aquino por me darem a honra de tê-los como membros examinadores de minha banca.

À Cleide Monteiro, minha orientadora de estágio na Clínica Escola de Psicologia da UFPB, por seus ensinamentos. À Francisco Xavier, meu preceptor na FUNAD – Fundação Centro Integrado ao Portador de Deficiência, onde pude vivenciar de perto a clínica do autismo. Gratidão a ambos por contribuírem para que eu tivesse um estágio com grandes vivências e ricos aprendizados.

Ao Projeto de Extensão Aimeé: Formação Clínica e Profissional no Atendimento Psicanalítico em Instituições, por me apresentar a Psicanálise, principalmente a de orientação lacaniana, contribuindo com saberes riquíssimos desde que entrei em 2015.

À Monik Monteiro, por me acolher em seu consultório, por disponibilizar sua escuta analítica, fazendo com que eu pudesse enxergar e compreender muitas coisas. Gratidão por me acolher dentro de minhas possibilidades.

A todos os professores, em especial àqueles que passaram e contribuíram de forma positiva pela minha jornada acadêmica.

Aos meus pacientes, que confiaram em mim, entregando todas as suas histórias, vivências, medos, angústias, alegrias.

A todos que de alguma forma estiveram presentes em minha vida. Vocês também foram importantes para meu aprendizado frente a vida.

À mim, por não ter desistido mesmo diante das inúmeras adversidades.

“Quer sejam as ações que fizemos, ou as coisas que aprendemos, ou o amor que tivemos por alguém, ou o sofrimento que superamos com coragem e resolução, cada um desses eventos traz sentido à vida”

Viktor Emil Frankl

RESUMO

A busca de significado para tudo que nos cerca é intrínseca, pois naturalmente somos seres que apresentam incompletude. Temos liberdade para decidir qual conduta adotaremos diante dos condicionamentos e circunstâncias apresentados pela vida. Ter um sentido para a vida é atribuir um significado para nossa existência, o que nos dar motivação e ajuda a superar os obstáculos que aparecem em nossos caminhos. A partir do sentido, a pessoa ferida por acontecimentos da vida se motiva para reconstruir-se, mantendo a esperança, em busca dos recursos que desenvolvam a resiliência. O presente trabalho é um ensaio produzido por meio da análise do filme “A Vida é Bela” sob o olhar de Viktor Emil Frankl e de sua abordagem teórica, a Logoterapia. A obra cinematográfica conta a história de Guido, um judeu-italiano que foi levado ao campo de concentração nazista junto com sua família. No local, começa sua batalha para fazer com que seu filho, Giosué, não se der conta de onde está. Escolhe, então, contar ao pequeno que estão participando de um jogo no qual o vencedor ganhará um tanque de guerra de verdade. A história foi usada como demonstração dos conceitos teóricos apresentados pela Logoterapia. Este estudo se justifica pela importância de discutir sobre o sentido da vida e sobre resiliência. Tem como objetivo analisar o filme “A Vida é Bela” a luz dos fundamentos da Logoterapia. Tornando, então, mais profundo o conhecimento sobre a forma que o ser humano pode, diante das adversidades, superar a si mesmo através do autodistanciamento e da autotranscendência. Para que isto seja possível, foram selecionados e descritos momentos vivenciados pelos personagens da película, onde fica possível visualizar a capacidade do ser humano em distanciar-se de si mesmo e em resistir às piores ocorrências impostas em um meio de grandes provações.

Palavras-chave: Sentido da vida; Resiliência; Logoterapia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 A vida de Viktor Emil Frankl.....	12
2.2 Sentido da vida, resiliência e Viktor Emil Frankl.....	15
2.3 Viktor Frankl e a Logoterapia.....	22
3 LA VITA È BELLA	28
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	30
4.1 Primeira Passagem: A ida para o campo de concentração, um sentido para a vida, a capacidade de criar e o autodistanciamento.....	31
4.2 Segunda Passagem: Chegada ao campo de concentração e a dimensão noética	32
4.3 Terceira Passagem: Trabalho forçado e degradante, a força de se ter um sentido para a vida e a capacidade de ser resiliente.....	32
4.4 Quarta Passagem: A capacidade de lidar com o inesperado e a autotranscedência	33
4.5 Quinta Passagem: A capacidade de amar e olhar para dentro de si e o poder que o amor tem de nos manter vivos e nos dar sentido para seguir em frente	34
4.6 Sexta Passagem: A finitude do homem e a certeza de ter cumprido o objetivo do sentido que se tinha para a vida	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Desde o momento em que o ser humano se faz presente no mundo até chegar ao fim de sua vida ele é atravessado pela existência que o coloca diante da possibilidade de vivenciar uma variedade de fenômenos humanos - positivos ou negativos - que podem deixar marcas devido aos traumas que eles provocaram, modificando, assim, o ser e estar no mundo, pois afetam sua multidimensionalidade (KOCHLA, 2014; LABRONICI, 2012).

A busca de significado para tudo que nos cerca, segundo Peres, Arantes, Lessa & Caous (2007), é intrínseca, visto que naturalmente somos seres que apresentam incompletude, o que nos leva a estar sempre procurando uma oportunidade de nos fazer completos. A oportunidade de transcender àquilo que no momento está além de nossas possibilidades em nossa existência é analisada na medida em que chegamos perto do fim de nossas vidas. Nesse contexto, transcender não diz respeito ao transcendental, ou seja, àquilo que não se pode conhecer, mas sim ao fato de buscar um sentido para nossa vida em nossa existência (SANTOS, 2013).

Sempre nos é dada, de acordo com Frankl (2003), a liberdade para decidir qual conduta adotaremos diante dos condicionamentos e circunstâncias apresentados pela vida. Assim, é o sentido da vida que nos proporciona motivação e ajuda a superar os obstáculos que aparecem em nossos caminhos. Entende-se, deste modo, que o sentido da vida se refere a atribuição de um significado para a nossa vida. Ele é único, já que cada sujeito possui o seu, e também é mutável, pois varia de caso a caso; cada pessoa tem uma missão que lhe é própria, um sentido particular, que lhe é próprio e não se repete, em dado momento de sua passagem pela Terra. Portanto, Frankl (2011, p. 73) nos diz que “não pode haver algo como um sentido universal da vida, mas apenas os sentidos únicos das situações individuais”. Frankl (2007, p. 101) ainda traz que também é preciso se atentar para o fato de que o sentido “não significa algo abstrato; ao contrário, é um sentido totalmente concreto, o sentido concreto de uma situação com a qual uma pessoa também concreta se vê confrontada” (FRANKL, 2003, 2007, 2011 apud SANTOS, 2016, p. 137).

Quando nos deparamos com uma situação difícil, para Moreira e Holanda (2010), podemos nos abater ou nos reerguer. Assim, cada indivíduo vai encontrar uma saída que lhe é possível diante do que vive e do contexto que está inserido. A partir do sentido, a pessoa ferida por acontecimentos da vida se motiva para reconstruir-se, mantendo a esperança, em busca dos recursos que desenvolvam a resiliência. Esta seria uma razão determinante para se identificar e enfrentar o sofrimento que seria, para Frankl, inerente à natureza humana e que participa do seu sentido.

Segundo Noronha e colaboradores (2009), a palavra resiliência vem da Física e é usada para descrever um corpo que sofre uma deformação e retorna ao seu estado anterior sem sofrer alterações permanentes. Assim, quando falamos de seres humanos, entende-se que eles, ao experimentarem uma situação traumática, não voltam ao estado vivenciado no passado. Eles são capazes de se adaptar a ela, buscando fatores de proteção que os deixem aptos para enfrentar e superar o trauma vivido.

Alcança-se a resiliência quando se tem apoio e suporte externo, o que nos leva a entender que ela não é de responsabilidade apenas da pessoa, mas, também, de sua relação com outros indivíduos e com o ambiente ao qual está inserido. Caso não se tenha esse contexto, o sentido da vida e a busca por realizá-lo pode fazer com que as adversidades sejam superadas, pois ter um sentido para a vida possibilita que o ser humano se movimente e enfrente os desafios do dia a dia (SILVEIRA; MAHFOUD, 2008).

Diante do que foi exposto, considera-se relevante um aprofundamento a respeito do sentido da vida e da resiliência baseado nos estudos de Viktor Emil Frankl, além de outras questões trabalhadas por ele na abordagem teórica a qual fundou – a Logoterapia. Para que os assuntos sejam mais facilmente entendidos, serão usadas como exemplo as cenas presentes na obra cinematográfica “A Vida é Bela”, a qual conta a história do judeu Guido e sua família – filho, esposa e tio – que foram levados a um campo de concentração nazista.

Assim, este estudo se justifica pela importância de discutir sobre o sentido da vida e sobre resiliência. Seu objetivo é analisar o filme “A Vida é Bela” a luz dos fundamentos da Logoterapia. Tornando, assim, mais profundo o conhecimento sobre a forma que o ser humano consegue superar a si mesmo diante as adversidades, quando autodistancia e autotranscende, como traz Oliveira (2018).

Para tanto, foi realizada uma análise das cenas consideradas ilustrativas dos conceitos da Logoterapia. As passagens escolhidas foram organizadas nas seguintes dimensões: A ida para o campo de concentração, um sentido para a vida, a capacidade de criar e o autodistanciamento; Chegada ao campo de concentração e a dimensão noética; Trabalho forçado e degradante, a força de se ter um sentido para a vida e a capacidade de ser resiliente; A capacidade de lidar com o inesperado e a autotranscedência; A capacidade de amar e olhar para dentro de si e o poder que o amor tem de nos manter vivos e nos dar sentido para seguir em frente; A finitude do homem e a certeza de ter cumprido o objetivo do sentido que se tinha para a vida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A vida de Viktor Emil Frankl

Viktor Emil Frankl nasceu em Viena, capital da Áustria, em 26 de março de 1905, em uma família de tradição judaica. Era o terceiro filho de Gabriel e Elsa e seus irmãos se chamavam Walter e Estela. Seus pais eram Tchecoslovacos, da Morávia do Sul, em Praga. Nessa época, o cenário sócio-político de Viena era o da luta de classes e, aparentemente, havia entre as pessoas uma carência de significado para a vida (RODRIGUES; BARROS, 2009).

Gabriel, seu pai, segundo Fizzotti (1977a), era diretor no Ministério da Educação. Sua mãe era membro da família do rabino Loew, da mais antiga sinagoga da Europa. O ambiente familiar era sereno e alegre. Os valores espirituais eram cultivados com seriedade. Seu interesse em ser médico vinha desde criança. Sua vida e a de seus familiares foram fortemente marcadas pela Primeira Guerra Mundial, onde passaram por graves dificuldades econômicas, enfrentaram a fome e o desespero de não saber e não ter certeza dos acontecimentos que poderiam vivenciar. Como se encontravam em uma situação financeira difícil, ele e seus irmãos chegaram a roubar e pedir esmolas para tentar sobreviver (RODRIGUES; BARROS, 2009). Sobre isto, Frankl (2003c, p. 35-36), mencionado por Fossati (2009, p.27), relata em seus escritos:

Agora já não passávamos o verão num lugar de férias, mas em Pohrlitz (sul de Mähren, o povoado natal de meu pai). Nós, as crianças, íamos às casas para pedir pão e ao campo para furtar milho. Em Viena tinha de fazer fila às três horas da manhã para conseguir batatas no mercado, até que, às sete e meia, minha mãe me dispensava para que eu pudesse ir à escola. Isto no inverno.

A relação com os pais e o ambiente familiar foram cheios de significados para a vida de Frankl. Provavelmente, vivenciar a experiência de amor em um ambiente acolhedor permitiu que ele tivesse as bases para o desenvolvimento de personalidade saudável e, inclusive, foi fundamental para que voltasse seu interesse pela compreensão da complexidade da construção de sentido da vida, ao qual se interessou em entender desde muito jovem (FOSSATI, 2009).

Em 1924, Frankl iniciou seus estudos no curso de medicina, formando-se em 1930 na Universidade de Viena. Publicou vários artigos, onde grande parte tinha a juventude como foco, pois a considerava como uma fase na qual era possível perceber nos jovens sofrimentos, conflitos e a falta de sentido e significado na vida (RODRIGUES; BARROS, 2009). Assim,

especializou-se nas áreas da neurologia e da psiquiatria, direcionou suas produções para a reflexão sobre a carência de sentido da vida, especialmente entre os jovens (MINOZZO, 2013).

Bazzi e colaboradores (1981), presentes em Rodrigues e Barros (2009), trazem que o interesse de Viktor Frankl pelo sentido da vida não veio apenas de um desejo pessoal, mas também de fatos como o aumento das fugas, abandono das famílias e do suicídio entre os jovens, em especial no período de férias. Para ele, a ausência de sentido estava se tornando uma neurose coletiva. Quando, em 1927, se desligou da escola adleriana mostrou a necessidade da criação de centros de atendimento para jovens. Um tempo após serem criados, as fugas e as tentativas de suicídio diminuíram consideravelmente. Depois de um ano funcionando, não foi registrado nenhum caso de suicídio em Viena, continuando assim por muitos anos. Além dos jovens, trabalhadores e pessoas da comunidade também fizeram parte do projeto (LAVOR, 2018).

Note-se que Frankl, apesar de estar preocupado com uma abordagem terapêutica no âmbito da clínica individual, procurava realizar trabalhos que fossem significativos do ponto de vista coletivo, isto é, que tivessem um alcance amplo em relação à totalidade, e não cristalizada na personalidade do indivíduo (MINOZZO, 2013).

Em 1936, tornou-se neuropsiquiatra e, em 1937, abriu o seu próprio ambulatório. No ano seguinte, Hitler invadiu a Áustria dando início a uma dura, cruel, racista e perversa perseguição àqueles não considerados de “raça pura”. Nesse primeiro momento, Frankl continuou desenvolvendo suas funções de médico na área do Rothschild Hospital, lugar reservado apenas aos hebreus (RODRIGUES; BARROS, 2009). Casou-se com a hebreia Tilly Grosser, enfermeira do mesmo hospital em que ele trabalhava, em dezembro de 1941 (MINOZZO, 2013).

Na Segunda Guerra Mundial, os nazistas passaram a perseguir agressivamente os judeus. Com isso, Frankl precisou interromper sua carreira, sendo capturado em novembro de 1942. Nove meses após seu casamento, tanto ele como sua esposa já estavam no campo de concentração de Theresienstadt. Registre-se aqui que, antes de ser levado para o exílio, Frankl já havia esboçado um livro com algumas bases da logoterapia que vinham sendo concebidas desde 1933. Nos três anos preso, de 1942 a 27 de abril de 1945, passou por quatro campos de concentração: Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering III e Türkheim (MINOZZO, 2013).

Em 1952, discorreu sobre a possibilidade de uma noogênese da neurose em seu artigo intitulado Dimensões do ser-homem. No artigo Indicações da Logoterapia Analítico Existencial, Frankl incorporou na psicoterapia o conceito de neurose noogênica – aquela forma de neurose que se enraíza no âmbito do noético, em um problema espiritual, em um conflito

ético ou em uma crise existencial. Nesse sentido, a logoterapia possui como temática central a “frustração existencial” causada pela carência de sentido manifestada através de fenômenos de massa, como, por exemplo, depressões, agressões ou toxicomania (RODRIGUES; BARROS, 2009).

Frankl chamou o período em que viveu nos campos de concentração de *experimentum crucis*. O documento mais significativo deste momento de sua vida está no livro *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, escrito em dezembro de 1945, poucos meses depois de sua libertação. Neste documento, Bazzi e colaboradores (1981, p. 82), citados por Rodrigues e Barros (2009, p.23), mostram que

Frankl procurou colocar-se do ponto de vista profissional, procurando objetivar ao máximo a matéria ali tratada. Mais do que um resumo das atrocidades do campo, é um documento sobre a anulação das pessoas que ali se encontravam, incluindo os Capos e a SS. A questão da sobrevivência ética, sustentada pela convicção inquebrantável que o homem pode em qualquer condição de vida encontrar um significado digno para sua situação foi para Frankl aquilo que Freud chamou de auto-análise.

Viktor Frankl vivenciou três fases em seu *experimentum crucis* nos campos de concentração, onde foi percebendo, aos poucos, que o ser humano pode ser capaz de passar pelo mais intenso sofrimento quando tem uma razão e um porquê viver. Tem-se como inicial, a fase do impacto, onde ele faz uma análise das primeiras reações dos prisioneiros e das condições que lhes restaram frente à necessidade de existência, dita por ele, “nua e crua”. É nessa fase – denominada de existência desnuda – onde, depois de aprisionados, homens e mulheres, têm seus pertences tomados. Na segunda fase, Frankl descreve a vida no campo de concentração e relata que os prisioneiros eram invadidos pela apatia, caracterizada como uma morte emocional que evoluía para a instabilidade, a “ausência” de sentimentos, solidão e total desvalorização do ser humano (RODRIGUES; BARROS, 2009).

O terceiro momento se chama fase da libertação do campo e é caracterizada pelo momento de inserção na sociedade e alívio da constante tensão. Aqui, Frankl recorda que o afrouxamento das tensões resultou em outras sensações psicológicas e experiências mentais, como a amargura e a desilusão do como retornar à antiga vida, por exemplo. A amargura, segundo Frankl, está ligada a determinadas formas convencionais pelas quais eram recebidos os recém-libertados. No geral, as falas, frases, recepções e gestos nunca conseguiriam retratar, avaliar ou ressignificar o sofrimento que a prisão os fez passar. Ele ainda põe em xeque a desilusão e a atitude superficial da maioria dos amigos e pessoas que se viam diante daquela

situação de sofrimento. Outro aspecto importante observado nesta fase é o sentimento de despersonalização experimentado pelos recém libertados; sentimento provindo da intensa padronização a que foram submetidos enquanto estavam nos campos de concentração (RODRIGUES; BARROS, 2009).

Viktor Emil Frankl encerrou sua jornada em 1997, ano o qual faleceu, foi titular das cadeiras de neurologia e psiquiatria da Universidade de Viena e professor de Logoterapia da Universidade Internacional da Califórnia. Ocupou diversas cadeiras na Universidade de Harvard, Stanford, Universidades de Dallas (Texas) e de Pittsburgh. Sua teoria tem sido incorporada em muitos estudos e vários centros de pesquisa por todo o mundo. Em 1984, com a presença de Viktor Frankl, foi fundada a Sociedade Latino Americana de Logoterapia, integrada por países como: Argentina, México, Chile, Porto Rico, Uruguai e Brasil, da qual o autor da Logoterapia é presidente de honra (RODRIGUES; BARROS, 2009).

2.2 Sentido da vida, resiliência e Viktor Emil Frankl

Rubem Alves, em seu livro “O que é religião?”, define o sentido da vida como

algo que se experimenta emocionalmente, sem que se saiba explicar ou justificar. Não é algo que se construa, mas algo que nos ocorre de forma inesperada e não preparada, como uma brisa suave que nos atinge, sem que saibamos donde vem nem para onde vai, e que experimentamos como uma intensificação da vontade de viver ao ponto de nos dar coragem para morrer, se necessário for, por aquelas coisas que dão à vida o seu sentido. É uma transformação de nossa visão de mundo, na qual as coisas se integram como em uma melodia, o que nos faz sentir reconciliados com o universo ao nosso redor, possuídos de um sentimento oceânico, na poética expressão de Romain Rolland, sensação inefável de eternidade e infinitude, de comunhão com algo que nos transcende, envolve e embala, como se fosse um útero materno de dimensões cósmicas (ALVES, 2010, p. 120, apud ROVINA; OLIVEIRA, 2018, p. 56).

Desse modo, o ser humano, segundo Frankl, pode encontrar seu sentido de vida por meios diversos. O primeiro se dá através do trabalho e das realizações do homem – este, no decorrer de sua vida, percorre caminhos para que sua existência tenha cor e sentido. É pelo trabalho que nos revelamos para nós mesmos e para os outros, descobrimos nossas habilidades e limitações; competências, alegrias, nos comprometemos com os outros e com diferentes causas. Assim, trabalhando podemos encontrar sentido ao descobrir qual nosso dever e compromisso existencial, a possibilidade de enfrentamento, as dificuldades e vazio existencial

ao focar na realização das tarefas levando em conta o benefício que essa tarefa pode gerar para a sociedade (PEREIRA, 2019).

Ao experimentamos algo ou encontramos alguém, também podemos encontrar sentido para nossa existência, pois a relação humana é capaz de ser fonte de sentido, que na convivência pode ser construído porque, junto com o outro, experimentamos emoções diversas. Desse modo, Frankl considera que o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo a serviço de uma causa, ou no amor a uma pessoa. É como um olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio. O sentido tem um caráter objetivo de exigência e está no mundo, não no sujeito que vive a experiência (PEREIRA, 2019).

Por fim, o sofrimento. Terceira fonte de onde podemos encontrar sentido existencial, Frankl diz que o sentido pode ser revelado por meio da atitude tomada perante o sofrimento inevitável, pois é possível encontrar novos significados diante da dor e do sofrimento. Nessa relação entre o sentido do sofrimento com o sentido de vida, nos deparamos com o exercício ou a habilidade de responder à vida. Assim, podemos pensar na condição do desespero humano quando não há mais condições ou esperança para continuar lutando pela vida, ainda assim, o homem pode vir a encontrar uma nova maneira de significar seu sofrimento. Trata-se do posicionamento a ser tomado por cada homem diante do sofrimento (PEREIRA, 2019).

À medida que for vivendo, o homem irá se deparar inúmeras vezes com a experiência do sentido, da sua busca ou falta dele. Assim, talvez não seja da morte que as pessoas tenham medo. Talvez o medo venha de outra coisa mais trágica e assustadora – o medo de nunca ter vivido. Quando não se vê um sentido, resta apenas a mera existência. Entretanto, existir por existir pode ser insuportável. A proximidade da morte traz à tona a vida. A vida que se viveu e a vida que se deixou de viver (OLIVEIRA, 2019).

Frankl relata que a pergunta sobre o sentido da vida deve ser feita de maneira concreta, dentro de um contexto, considerando a situação da pessoa, onde ela se encontra e no momento em que ela está. Não é o homem que interroga a vida, mas a vida que interroga ao ser humano sobre o sentido de sua vida. Para o autor, a pessoa conhece a si mesma na medida em que vai cumprindo suas tarefas cotidianas e que vive o que tem sentido em cada situação. Em muitos casos, “a vida ter sentido” significa “na vida ter tarefas a cumprir”. Assim, o sentido precisa ser encontrado, descoberto, e não criado (SILVEIRA; MAHFOUD, 2008).

Frankl (2016 apud ROVINA; OLIVEIRA, 2018) nos revela que quando a pessoa encontra um sentido para sua vida acha, assim, uma razão para viver e isto não apenas o faz feliz, mas também o capacita para enfrentar os sofrimentos não evitáveis, e afirma ainda que os

suportará com bravura. Ao considerar isso, Carneiro e Abritta (2008) destacam que é comum produzir sentido por meio de processos criativos – as artes visuais ou literatura – e, também, por meio da construção de vínculos afetivos; e que, da mesma maneira que os sentidos são singulares, eles também se modificam ao longo do tempo, dando a possibilidade de criar novos significados para situações desfavoráveis que não podem ser mudadas. Lehmkuhl (2015) salienta a existência de técnicas em psicoterapia que ajudam a facilitar esses processos, mesmo que de forma indireta (ROVINA; OLIVEIRA, 2018).

Em cada fase do desenvolvimento, como afirma Brito (2014), há diferentes questões que influenciam a construção de sentido para a vida. Durante a adolescência, por exemplo, o sentido da vida é dado pelos relacionamentos que são estabelecidos nesse momento e pelo significado dos novos papéis assumidos pelo adolescente. Sobre isso, Frankl (1989), mencionado por Rovina e Oliveira (2018), discute que a problematização da própria existência é inerente ao ser humano que, no decorrer do seu processo de amadurecimento na adolescência tem a criticidade mais aguçada, mais ainda que em pessoas com idade avançada. Conforme os jovens passam a assumir responsabilidades que são próprias da vida adulta, para Lukas (1992), também citado pelos autores, eles se afastam da vida infantil, e é aqui, neste processo de transição, que se deparam com o vazio existencial, onde essa carência de sentido pode ser um estágio passageiro normal, ou por falta de segurança emocional, pode leva-los a apresentar uma frustração existencial (ROVINA; OLIVEIRA, 2018).

No período localizado entre os 35 e 40 anos é visualizado, segundo Schwarz (2008), importantes processos de transformação do indivíduo, tão relevantes quanto aqueles ocorridos em outros momentos do desenvolvimento. Elas são capazes de mudar a perspectiva do indivíduo sobre a própria vida, o que tem impacto na atribuição de sentido às experiências pelas quais o sujeito vivencia. A maneira pela qual o indivíduo vivencia a “meia idade” pode indicar como o envelhecimento será vivido. No que diz respeito ao processo de individuação, quem é capaz de encontrar um significado para a própria vida também será capaz de dar um significado a própria morte (ROVINA; OLIVEIRA, 2018).

Já por volta dos 50 aos 60 anos, Schwarz (2008), relata que ocorre uma queda significativa da acuidade sensorial e mental, assim como outras mudanças corporais. Diante destas, é necessário lançar mão de processos criativos para que seja ressignificada a relação que o indivíduo tem com o próprio corpo, e também passam a ter maior destaque reflexões a respeito de questões de saúde. A questão das transformações do corpo decorrentes do envelhecimento também se relaciona com a produção de sentido e tem influência sobre a saúde do indivíduo. Na terceira idade, a construção de sentido passa pela reflexão da pessoa idosa sobre a própria

trajetória de vida, percepção sobre a contribuição prestada ao meio social do qual faz parte, relacionamentos estabelecidos e vínculos familiares, entre outros fatores, o que é um processo extremamente importante para a saúde física e mental nessa etapa do desenvolvimento, onde essas perdas podem causar sofrimento. Portanto, encontrar um sentido para a vida, em qualquer fase pela qual o indivíduo esteja passando é preditivo de saúde mental, mesmo em meio ao sofrimento, ou em situações inevitáveis existam possibilidades únicas e singulares de ressignificações para a sua existência (ROVINA; OLIVEIRA, 2018).

É sabido que Viktor Frankl não só sobreviveu aos campos de concentração, como também soube dar sentido ao seu sofrimento, transformando-se e crescendo com a dor. Assim, pode-se inferir que o mesmo era uma pessoa resiliente, de acordo com o real significado do conceito, já que este expressa não só a superação das adversidades, como também a transformação do indivíduo e o seu crescimento diante das crises, transformando-as em desafios (LIMA, 2010). Ele, Frankl, entende que a resiliência se torna uma das consequências de se encontrar o sentido da vida e se movimentar para realizá-lo, permitindo dizer um “sim” à vida apesar de tudo, considerar a crise um desafio significativo, compreensivo e manejável. Desta forma, é preciso ter a percepção de que o sofrimento tem seu sentido (CRUZ; LIMA; BARRETO, 2017).

O termo resiliência advém da Física significando uma propriedade particular que alguns corpos têm de retomarem a sua forma original após absorver uma energia deformadora (OLIVEIRA, 2019). A psicologia pegou emprestado esta palavra e ampliou seu conceito, pois, em termos humanos, não é assim tão simplista, já que em oposição ao conceito oriundo da física, não pode ser visto como sinônimo de resistência, não significa voltar ao mesmo estado, e sim transformar-se, crescer mediante a capacidade de enfrentar situações consideradas estressantes (LIMA, 2010).

Brandão (2009) reitera esta compreensão quando afirma que a resiliência do ser humano é diferente da resiliência da física, visto que, na psicologia, depois de passar por um abalo, o homem não só se recupera, voltando ao que era antes, como se torna ainda mais forte, ou melhor, depois dele. Já Junqueira e Deslendes (2003) destacam uma diferença importante entre a resiliência estudada pela Física daquela estudada pela psicologia no que diz respeito ao retorno do objeto, ou pessoa, ao estado anterior à pressão sofrida. A resiliência, para a psicologia, em suas conceituações, envolve algo além do retorno ao que era antes, pois abrange um crescimento a partir da superação da pressão (CHAVES, 2010).

Desse modo, diz-se que uma pessoa é resiliente quando ela é capaz de aprender com as adversidades e não apenas sobreviver ao sofrimento, tomando este a seu favor como um fator

para o desenvolvimento pessoal. Pois, é em meio às crises que as oportunidades são criadas, que o ser humano se recria, se reinventa e revela potencialidades até então desconhecidas. Podemos dizer, então, que uma pessoa resiliente encara as adversidades com outra perspectiva, como desafios, conseguindo retornar ao seu estado de saúde e espírito anterior a crise (LIMA, 2010).

Contudo, o ser humano não nasce resiliente. É através de um processo de interação do indivíduo com outras pessoas e com o ambiente onde se encontra, que a resiliência se desenvolve naturalmente, e vai se tecendo durante todo o ciclo vital. Atitudes resilientes podem ser desenvolvidas com o apoio de pessoas e instituições, tais como, família, igreja, centro de saúde, organizações ou associações sociais ou políticas, que tenham como objetivo motivar e auxiliar na ativação de capacidades que levem à superação das adversidades (OLIVEIRA, 2019).

Para Souto (2020), que cita Jost (2010), isso nos mostra que a constituição do ser humano não é, de modo algum, uma constituição isolada, mas sempre partilhada numa relação de encontro e alteridade. O homem é essencialmente social e, em razão disso, também é um ser relacional, provido de uma subjetividade e de uma exterioridade que se harmonizam constituindo-se uma à outra, assim:

É por meio do relacionamento com o mundo e com os outros que o sujeito vai estruturando sua subjetividade, construindo seus valores, elaborando a concepção de si mesmo e exteriorizando seu próprio ser no mundo social, à medida que esse mundo é interiorizado por ele como realidade objetiva. Esse intercâmbio, por sua vez, se dá por meio de atos sociais que são submetidos a um juízo de valor segundo seus efeitos, sejam eles construtivos ou destrutivos (Stein, citada por Ales Bello, 1992/2000). Dessa forma, o objeto externo, refletido nos fenômenos psíquicos, afeta as necessidades e os interesses a partir do significado dado pelo sujeito à sua experiência. Esta, por sua vez, suscita uma atitude emocional volitiva que é externalizada pelo sujeito, transformando, assim, a realidade dada. O sujeito humano, portanto, é simultaneamente constituinte e constituído pelo meio social, num relacionamento dialético constante que garante a unidade entre a ação e o seu significado, caracterizando a abertura, a criatividade e a plasticidade das respostas humanas ao mundo (JOST, 2010, p. 100).

Ou seja, o ser humano é constituído por um relacionamento dialético recíproco entre o si mesmo e o mundo social. Suas visões, seus desejos, seus devaneios, seus valores, suas religiões são formados mediante às respostas humanas dadas ao mundo que o circunda, uma vez que, são as influências e os pressupostos que recebe desde sua origem no mundo. Portanto, a criação do ser humano é estabelecida sobre a criação de sua própria cultura, de sua língua e

de seu modo de se organizar na vida social. O social implica o humano e o humano implica o social, de forma que um constitui o outro (SOUTO, 2020).

Oliveira (2019) mostra que a resiliência ocorre em função da adversidade e não apesar desta. A adversidade aciona a criatividade e desencadeia a adaptação. É exatamente neste contexto adverso que as crenças surgem como poderosas forças na resiliência. Chequini (2007, p. 107) traz, então, que “tais sistemas de crenças são identificados como a capacidade de ressignificar a adversidade dentro de uma perspectiva positiva de transcendência e espiritualidade”. Smith e colaboradores (2012 apud OLIVEIRA, 2019) afirmam que a fé religiosa, as crenças no transcendente, a espiritualidade e a capacidade de dar um significado aos eventos geradores de estresse são variáveis constantemente apontadas como dimensões que possuem um papel no desenvolvimento da resiliência. A espiritualidade aciona no indivíduo processos subjetivos com capacidade de ressignificar as situações adversas, criando formas de atuação resilientes diante da realidade.

Nessa relação entre espiritualidade e resiliência, Oliveira (2019, p. 59-60) diz que Almeida (2017, p. 141-142) revela que

a espiritualidade pode dar sentido à vida, trazendo uma ressignificação positiva diante de momentos difíceis. Lembra ao homem que há algo além dele mesmo, faz com que este homem se ligue a este além, a fim de se reconhecer como limitado, mas pleno e em comunhão com um todo, do qual faz parte.

Pereira (2001), presente em Chaves (2010), fala que a forma com que a resiliência se apresentará depende também de como as pessoas enfrentarão as adversidades. Para compreender esse enfrentamento as teorias de *coping* podem ser usadas. Este, *coping*, tem sido descrito como um conjunto das estratégias, de esforços cognitivos específicos, utilizadas pelas pessoas para se adaptarem a situações estressantes. Algumas pessoas costumam traduzir a palavra como “estratégias de confronto”, “formas de lidar com”. Assis, Pesce e Avanci (2006, p. 88 apud CHAVES, 2010, p. 26) explicam que *coping* “é mais do que um único mecanismo de adaptação; é um constante processo adaptativo do qual o indivíduo lança mão ao administrar adversidades cotidianas e inesperadas, vencendo-as, minimizando-as ou tolerando-as”.

Brandão (2009) salienta que é muito importante esclarecer que as estratégias de *coping* fazem parte do nosso processo de resiliência, uma vez que o enfrentamento das adversidades é uma fase do mesmo. Porém, deixa claro que *coping* e resiliência não são a mesma coisa. Ademais, nem toda estratégia de enfrentamento é bem sucedida e, por isso, nem sempre resultará em resiliência (CHAVES, 2010). Uma maneira de diferenciar é destacando a

intencionalidade. Enquanto no *coping* existe uma intencionalidade nas ações tomadas frente às adversidades, na resiliência a superação diante de eventos estressantes simplesmente acontece (OLIVEIRA, 2019).

Enquanto estava no campo de concentração, Frankl buscou se manter o mais distante possível da situação em que vivia e para isso se utilizava de vários artifícios, como: tentar manter o senso de humor, na medida do possível, pois acreditava que o humor era uma “arma da alma na luta por sua auto preservação”, a tentativa de enxergar as coisas numa perspectiva engraçada constituía um truque útil na arte de viver. Também procurava usar a arte, como a música e até mesmo o teatro, como uma saída de expressão e salvação para si, e para tentar ajudar os seus companheiros de infortúnio. Neste ponto, também podemos nos reportar a questão da resiliência, uma vez que o senso de humor é uma das características dos resilientes (LIMA, 2010).

Na logoterapia é possível encontrar o conceito de supra sentido – ou seja, aquilo que vai além da compreensão do homem, como a fé ou a esperança no futuro, e é isto que gera forças para superar os problemas. Fé e esperança também são consideradas como características de pessoas resilientes. Sobre essa questão, Frankl tentou demonstrar que por mais grave que seja uma doença física ou psicológica, ou por mais grave que seja a adversidade, o ser humano tem uma dimensão que não é atingida – a noética ou espiritual (LIMA, 2010).

De acordo com Fossatti (2009, p. 37-38), Frankl observou que alguns prisioneiros, em contraponto ao primitivismo dos instintos, possuíam a tendência de se direcionar a seu interior, com a finalidade de buscar conforto em sua espiritualidade, como forma de superação:

Pessoas sensíveis, originalmente habituadas a uma vida intelectual e culturalmente ativa, dependendo das circunstâncias e a despeito de sua delicada sensibilidade emocional, experimentarão a difícil situação externa no campo de concentração de forma, sem dúvida, dolorosa; esta não obstante, terá efeitos para ela menos destrutivos em sua existência espiritual. Pois, justamente para essas pessoas permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior. Esta é a única explicação para o paradoxo de, às vezes, justamente aquelas pessoas de constituição mais delicada conseguirem suportar melhor a vida num campo de concentração do que as pessoas de natureza mais robusta (FRANKL, 2003, p. 42).

Por fim, podemos concluir que resiliência é mais do que apenas sobreviver, é saber curar as feridas e seguir em frente. Frankl dá este exemplo não somente sobrevivendo aos sofrimentos físicos e psicológicos que lhe foram impelidos no campo, mas também por meio da postura que assumiu perante a vida após sua libertação. Ele obteve sua liberdade apenas no fim da guerra

em 1945, contudo, em 1946 voltou a realizar suas atividades como diretor de um hospital de Viena. Entrou em um novo matrimônio, escreveu o livro “Um psicólogo no campo de concentração”, deu aulas em várias universidades e, antes de falecer em 1997, aos 92 anos, publicou sua autobiografia (LIMA, 2010).

Diante disso, é possível dizer que Frankl, possuiu uma vida plena de sentido, soube dar significado a sua dor, vindo a ser capaz de superá-la. Sua filosofia é realmente fruto de sua experiência pessoal. Ele acreditava que a possibilidade de tirar proveito da tragédia e transformá-la não só em oportunidade de aprendizado, como também transformá-la futuramente em triunfo, existe. Para ele, é possível que alguém possa se tornar resiliente. Pois, se a vida de um homem possui um significado, este pode suportar quase tudo (LIMA, 2010). Também, não devemos esquecer que podemos achar um sentido na vida mesmo quando estivermos em uma situação sem esperança, mesmo quando enfrentamos um destino que não pode ser mudado. Foi exatamente dessa forma que nasceu a Logoterapia, Frankl foi capaz de perceber que o ser humano consegue suportar os mais intensos sofrimentos, quando se tem um sentido para a vida (SANTOS, 2013).

Cruz e Aquino (2020) trazem que o sentido na vida, para Frankl, foi uma condição necessária para que ele e outros prisioneiros conseguissem sobreviver aos tempos difíceis no campo; mas não foi o suficiente, visto que muitos sucumbiram nas câmaras de gás. Os que tinham uma razão para continuar vivos conseguiam suportar mais o sofrimento e, conseqüentemente, sobreviver, quando comparados aos prisioneiros que perdiam a esperança no futuro. Após a guerra, Frankl continuou a desenvolver sua teoria, denominada de Logoterapia e Análise Existencial.

2.3 Viktor Frankl e a Logoterapia

A Logoterapia é uma abordagem psicoterapêutica que, segundo Rodrigues (1991), citado por Vêras e Rocha (2014), surgiu em Viena entre a década de 1920 e 1930, fortalecendo-se depois da Segunda Guerra Mundial. Foi fundada por Viktor Emil Frankl (1905 - 1997), um judeu austríaco, psiquiatra, neurologista e filósofo existencialista, que conseguiu sobreviver a quatro campos de concentração nazista e após esta experiência fortaleceu, em sua própria existência, a hipótese que usava como base para a prática de sua clínica psicoterápica: que o sentido da vida é um elemento básico para a preservação da saúde mental. Para a Logoterapia, o homem é uma unidade biopsicossocial e espiritual, que tem liberdade e responsabilidade pelas

coisas que realiza. Um dos objetivos desta abordagem é ajudar a pessoa a identificar seus valores e a se responsabilizar diante deles nas mais diversas circunstâncias.

Como mencionado anteriormente, a fundação da Logoterapia não se deu nos campos de concentração nazistas. No livro *Em busca de sentido*, Viktor Frankl diz que levou consigo manuscritos importantes sobre a Logoterapia, porém, estas anotações se perderam nos campos. Ele afirma que os anos como prisioneiro lhe trouxeram a possibilidade de amadurecimento sobre suas teorias, permitindo que comprovasse, junto aos companheiros, que a ausência de sentido fazia a diferença na vida dos prisioneiros. Os que possuíam um sonho, um objetivo, um porquê viver eram mais resistentes do que os que achavam que a vida já não tinha mais razão de ser, estes morriam mais rápido, desistiam mais cedo (LIMA; FIRMINO; PEREIRA; LEMOS, 2020).

A abordagem ontológica, ou seja, o estudo do ser humano aprofundado por Frankl na Logoterapia, tem por fundamento a compreensão de homens e mulheres em sua totalidade. O autor nos permite compreender, assim, que o ser humano é bio-psico-sócio-espiritual, necessita de liberdade e é constituído pela capacidade de suportar o sofrimento, mesmo quando a vida parece longe de ter algum significado. É na obra de Frankl que encontraremos frágeis, mas voltadas para a realização do sentido e a efetivação do valor, ações consideradas normais e primárias da humanidade (RODRIGUES; BARROS, 2009).

Considerando isso, Rodrigues e Barros (2009, p. 13) também apontam que, para Frankl (1991), os seres humanos, notadamente nos dias de hoje, não podem ser reduzidos à busca de prazer, tal como ocorria nos tempos de Freud, nem pela vontade de poder (de Adler). Ele aposta que a neurose coletiva e as patologias de toda ordem estão relacionadas à falta de sentido (noos) e ao vazio existencial por ela aberto:

O homem de hoje, ao contrário do que ocorria nos tempos de Sigmund Freud, já não é sexualmente frustrado, mas existencialmente frustrado. E hoje sofre menos do que no tempo de Alfred Adler, de um sentimento de inferioridade do que de um sentimento de falta de sentido, precedido por um sentimento de vazio, de um vazio existencial para sua vida (FRANKL, 1991, p. 155).

A proposta da Logoterapia, desse modo, é a de perceber a ontologia humana, não de maneira abstrata e genérica, mas em um mundo circundante que o acolhe e aninha. Ao passo que se desenvolve física, psíquica e espiritualmente, homens e mulheres passam a ter consciência do “eu” e da existência singular em mundo concreto marcado por diversos valores que possibilitam diferentes posicionamentos e escolhas. Mesmo assim, para viver, é

fundamental a manutenção da liberdade, da singularidade e responsabilidade (RODRIGUES; BARROS, 2009).

Corrêa (2013, p. 40), citado por Lima et al. (2020, p. 14165), conclui, então, que

a logoterapia propõe uma análise sobre o noético e conduz a ele. Trata-se de uma análise frente à existência, e não da existência. Nesse sentido, concebendo o ser humano enquanto ser noético, Frankl apresenta algumas capacidades humanas inerentes às possibilidades da existência enquanto poder ser.

Lima e colaboradores (2020) destacam que é necessário explicar o sentido do termo noético na logoterapia. Para isto, eles tomam como referência Lukas (1989, p. 29) o qual diz que: “a dimensão propriamente do homem, ‘especificamente humana’ também chamada na logoterapia, dimensão noética, por derivação da palavra grega *noûs*, *noetos* (=espírito, mente)” e, como mostram os autores, ao citar Pereira (2013), quando se fala de espírito enquanto “*noûs*”, pode ser entendido como “inteligência”, “intelecto”. Lima et al. (2020, p. 14165) também trazem a seguinte frase de Frankl (2017, p. 55-56): “A logoterapia e a análise existencial são, respectivamente, aspectos de uma mesma teoria. E, em verdade, a logoterapia é um método de tratamento psicoterápico, enquanto a análise existencial representa uma corrente antropológica de pesquisa”. Com isso, a questão central é o modo como a pessoa se porta perante a existência e não a existência propriamente. O modo como o homem responde aos fatos é o que fará a diferença.

A espiritualidade, a liberdade e a responsabilidade são realidades existenciais do ser humano, e não apenas caracterizam a existência humana, mas a constituem como tal; revelam o ser específico do homem, do qual a particularidade está no fato de que não se trata de um “ser de fato”, mas de um “poder chegar a ser sempre também de outra forma” (FRANKL, 1994b, p. 65, apud MIGUEZ, 2015).

Rodrigues e Barros (2009) apontam que a liberdade e a responsabilidade diante da vida constituem o eixo principal da antropologia frankliana. A concepção que se faz dela, contudo, inclui os obstáculos a serem enfrentados pelos próprios indivíduos. O importante é que a liberdade tenha direção transcendente: não só *liberdade de*, mas *liberdade para*. Não se pode caminhar para a degradação, arbitrariedades e libertinagens. Ao indivíduo cabe estar ciente da finitude, dos limites, riscos e a possibilidade do fracasso.

Miguez (2015) vê a liberdade como “um fenômeno demasiado humano”, isto é, uma realidade que tem fim, pois o homem não é *livre* de condicionamentos, mas é *livre para* tomar atitudes com relação à forma de assumi-los. Sempre haverá um espaço existencial no qual pode

transcendê-los, como que tomando um impulso para alcançar a dimensão propriamente humana.

Como foi dito anteriormente, a Logoterapia de Frankl, de acordo com Andrade (2017), é fundamentada na origem do ser humano, buscando perceber homens e mulheres na sua totalidade. Ele parte da compreensão de que o homem é um ser bio-psico-sócio-espiritual, capaz de superar qualquer tipo de sofrimento e que necessita de liberdade. Sobre isto, Coelho Jr. e Mahfoud (2001) têm a dizer que, para Frankl, homem e animal são constituídos por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão social. Contudo, há uma diferença entre ambos porque ao homem faz parte de seu ser a dimensão noética, ou seja, espiritual. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Nesse sentido, Frankl expõe a dimensão noética que é considerada superior às demais, e mais abrangente, pois inclui as dimensões inferiores – e isto garante a totalidade do homem. A Logoterapia, portanto, é caracterizada pelo foco no aspecto humano numa abordagem fenomenológica, outra influência filosófica de Frankl (ANDRADE, 2017).

Um conceito central para esta teoria é o de “sentido da vida”, que, na concepção de Andrade (2017), não, está no indivíduo, e por essa razão precisa ser sempre procurado na relação com o mundo. O ser humano é um ser em construção permanente, ou seja, ele interage com a sua vida, buscando um sentido para sua existência. Para o autor, de acordo com Xausa (1990), esta busca do sentido é uma experiência na qual o ser humano percebe que vale à pena viver e, ao mesmo tempo, o seu processo de descoberta é ele mesmo constituinte da experiência de sentido. Logo, o mesmo é capaz de interrogar essa existência e discuti-la ao longo do seu desenvolvimento. Ao buscar o sentido de sua própria existência humana, Carrara (2016) percebe que ao observador, antes tão ocupado em ver o mundo ao seu redor, fragmentando-o, é dada a oportunidade de ver a si mesmo, percebendo sua dimensão noética transcendente, acrescentando, assim, um novo sentido ao mundo que observa (Andrade, 2017).

A Logoterapia sustenta a relevância da consciência de um sentido na vida para a saúde mental, entendendo a vontade de sentido como a motivação primária do ser humano e, ainda de acordo com Frankl, se constitui a partir de três pilares: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida (CRUZ; AQUINO, 2020).

A liberdade é entendida por Frankl (2008, p. 153) como uma característica intrinsecamente humana, assim se opõe ao que ele chama de *pandeterminismo*: “visão do ser humano que descarta a sua capacidade de tomar uma posição frente a condicionantes quaisquer que sejam”. Dourado, Figueirêdo, Farias, Cavalcante e Aquino (2010, p. 32 apud SANTOS,

2016) completam que, para o autor, embora o ser humano não seja *livre de* condicionantes biopsicossociais, não significa que está *condicionado* completamente por eles, pois é livre para se posicionar diante deles, livre para decidir qual atitude tomar perante o destino, isto é, “tudo aquilo que não se pode mudar, e que do ser não depende, como, por exemplo: uma enfermidade, a genética, ter ansiedade, ter tido uma infância infeliz, etc”. A isto, de acordo com Santos (2016), Xausa (2012) nomeia de liberdade da vontade ou liberdade de escolha.

É importante ressaltar que, para Frankl, a liberdade deve vir sempre acompanhada da responsabilidade. São dois elementos constitutivos da espiritualidade, dimensão noética, do ser humano que precisam estar sempre andando juntos. A liberdade é

um conceito negativo, que demanda um complemento positivo. Este é a responsabilidade, que possui dois referentes intencionais. Pode significar um sentido cuja realização somos responsáveis e, também, pode dizer respeito a um ser por quem somos responsáveis. [...] A liberdade pode corromper-se em mera arbitrariedade, a menos que seja vivida nos termos de uma responsabilidade. Eu costumo dizer que a Estátua da Liberdade, na Costa Leste dos Estados Unidos, deveria ter, como complemento, uma Estátua da Responsabilidade na Costa Oeste (FRANKL, 2011, p. 66, apud SANTOS, 2016).

Com isso, a vontade de sentido, caracterizada como uma necessidade específica irreduzível a outras necessidades, presente em todos os seres humanos, pode ser descrita como o “fator motivacional da existência humana”. Ela se traduz na abertura constitutiva do homem ao mundo e se expressa em sua característica mais específica, sua dimensão autotranscendente. O que nos mostra, assim, que o homem sempre está relacionado a algo distinto de si ou, mais especificamente, está orientado a algo ou a alguém que não seja ele mesmo. A existência pode fracassar caso não tenda ao *logos* (SANTOS, 2016). Frankl (1994, p. 110), citado por Miguez (2015, p. 78), faz uso de mais uma de suas metáforas para ilustrar essa questão: “Só um boomerang que falhou seu alvo volta ao lugar do qual havia sido lançado; pois seu fim originário é encontrar a presa e de modo algum voltar ao caçador que o lançara”.

É sabido, pois, que o homem não é impulsionado pela vontade de poder (como aponta Adler), nem pela vontade de prazer (como em Freud), mas sim pelo que Frankl chama de vontade de sentido (MOREIRA; HOLANDA, 2010). Por isto, é de suma importância que esse conceito seja interpretado de maneira correta: a vontade de sentido não pode ser considerada uma “pulsão”, muito menos ser entendida como um tipo de “voluntarismo”. Na pulsão, há uma diferença entre ser impulsionado a algo, o que é próprio da condição humana, e *tender* a algo, ser orientado a um sentido, cuja realização (ou não realização) sempre dependerá de uma

tomada de decisão por parte da pessoa. Já o outro caso, não se trata de um voluntarismo, visto que, sendo um dinamismo primário da vida humana, a vontade não pode ser dirigida – ela deve aflorar, acontecer, uma vez questionada e atraída pelo sentido. O peso do sentido é prioritário nessa dinâmica, e a vontade de sentido remete à natureza decisória do fenômeno para o contrapor ao reducionismo mecanicista de caráter pulsional. Trata-se, por fim, de um dinamismo não psicologista, mas de um “noodinamismo” (MIGUEZ, 2015, p.78-79).

Quando falamos de sentido, Frankl (1992, p. 145 apud MIGUEZ, 2015, p. 79) revela que estamos nos referindo ao significado, à coerência, à busca de propósito e finalidade. O sentimento de inexistência do sentido da vida, designado como *frustração da vontade de sentido*, não é necessariamente patológico, mas pode ser “potencialmente patógeno”. De fato, há um grupo de neuroses nomeadas de *neuroses noogênicas*, objeto de estudos e tratamento da Logoterapia, cuja patogênese mora na frustração existencial. Porém, se ao descobrir no fundo da existência humana esse vazio de um *logos* não descobrisse ao mesmo tempo esse desejo de sentido, a análise existencial teria caído num patologismo reducionista. A frustração existencial é, portanto, somente o lado negativo dessa inata e poderosa força que conduz o homem ao sentido de sua existência (MOREIRA; HOLANDA, 2010).

Por fim, a vontade de sentido é uma faculdade humana que se encontra voltada para o futuro, ligada a um “ainda-não”, mas que se apresenta ao espírito como uma antecipação. O futuro sempre se mostra como uma possibilidade, um vir a ser que pode ou não se realizar; mas tende a se realizar ao passo que é assumido como um projeto vital noético, capaz de mobilizar a vontade de sentido (MIGUEZ, 2015).

Como já mencionado, o indivíduo pode ser considerado como uma unidade múltipla – composta pelas dimensões biológica, psicológica, e também noológica/espiritual. Este último, o noológico/espiritual, diz respeito ao fato de o ser humano ser livre e aberto à busca de um sentido para vida, ao se posicionar perante cada aspecto de seu ser biológico e seu ser psicológico. Tanto a mulher como o homem são determinados por características genéticas, congênitas, nutricionais, reativas biologicamente ao ambiente, são determinados por um passado histórico, uma história pessoal/familiar, uma dimensão psicológica (SILVEIRA; GRADIM, 2015).

No entanto, considerando isso, Frankl nos relata que estas determinações são o solo sobre o qual há um espaço para decidir o que se tornar, e se abrir para a busca de um sentido. E aqui se está no ambiente da dimensão noológica/espiritual, e é importante ressaltar que *espiritual* não está ligado necessariamente a aspectos religiosos, mas sim ao que há de mais alto no ser humano, na possibilidade de ir além de si mesmo – *autotranscendência* – e se distanciar

das determinações bio-psíquico-sociais – *autodistanciamento* – caminhando para o sentido. Na existência saudável, a pessoa se volta para (*autotranscendência*) um trabalho (obra, onde imprime criativamente sua marca própria), para uma pessoa (ou pessoas) a quem quer bem, ou até para uma busca de Deus, que pode incluir uma religiosidade (SILVEIRA; GRADIM, 2015).

Mesmo com todas as contrariedades, apesar dos obstáculos, o sentido da vida, vem da forma como se lida com cada realidade. A Logoterapia leva em consideração as potencialidades do ser humano, suas possibilidades de transcender a qualquer circunstância, não tendo, desse modo, uma visão pessimista da vida. Assim, Frankl considera como uma característica do homem a capacidade de “definir-se e redefinir-se”, o homem precisa tomar consciência de que as coisas mudam, as realidades mudam, as pessoas mudam, só podemos dizer que não há mais jeito quando o sujeito morre (LIMA *et al.*, 2020).

Como não se pode negar a existência de realidades que não podem ser mudadas, podemos fazer coisas que não podem ser apagadas, o que foi feito está feito e ponto final. Várias vezes não temos como escolher o que pode ou não nos acontecer, mas podemos escolher, com responsabilidade, qual atitude tomar a cada instante. Dessa forma, somos questionados pela vida sobre o sentido que damos a ela a cada momento. A Logoterapia, como nos revela Frankl, está preocupada com o sentido potencial inerente e latente em cada situação que o homem se depara ao longo da vida (LIMA *et al.*, 2020).

3 LA VITA È BELLA

A Vida é Bela é um filme italiano reconhecido e aclamado internacionalmente. Seu roteiro, a trilha sonora e as interpretações dos atores fazem dele um filme inesquecível, capaz de ir do riso às lágrimas e transmitir uma infinidade de emoções. É uma obra-prima do cinema carregado de mensagens, dirigido e estrelado por Roberto Benigni no ano de 1997.

A história cinematográfica ocorre no ano de 1939, na Itália, e tem como inspiração a vida de Rubino Romeo Salmoni (1920--2011), um sobrevivente de Auschwitz, conta sobre a história de Guido Orefice, um judeu-italiano que, vindo da província, se muda para uma pequena cidade da Toscana com o objetivo de abrir uma livraria, porém vê seu desejo barrado pela burocracia fascista. Como solução, ele passa a trabalhar no hotel de seu tio.

Logo, ele encontra Dora (Nicoletta Braschi), uma professora, que vem de uma família rica, semelhante ao regime fascista, a qual Guido fará todo o possível para conquistar. Nessa busca, em vários momentos ele aparece inesperadamente e tenta surpreendê-la de todas as

formas possíveis. Ela, no dia da festa em comemoração ao seu futuro casamento com um fascista, pede a Guido para raptá-la, pois é a ele que tem amor.

Desse modo, Guido logra êxito e, conquistando o amor de sua amada, juntos dão a vida ao seu filho Giosué (Giorgio Cantarini). Até então, suas vidas são cheias de bons momentos, parecem sorrir para a vida. Porém, a Segunda Guerra Mundial fará com que sua vida inteira desmorone e acabe em um campo de concentração.

Ao surgirem os tempos da Guerra, sendo Guido judeu, a partida para um campo de concentração torna-se inevitável, e o seu único objetivo é não permitir que o filho perca a inocência diante o evidente cenário – é preciso mascarar a realidade perante os seus olhos. Esta segunda parte do filme assinala assim a verdadeira demonstração de amor, que já não tem como base o romance, mas a tragédia.

Como fica claro, o filme nos leva a uma Itália submersa no fascismo e aos horrores dos campos de concentração, mas nos apresenta essa história como uma espécie de conto com um final amargo. Começa em um tom alegre, divertido e engraçado; o que, de fato, por causa de suas primeiras cenas, dificilmente podemos imaginar que estamos diante de um drama, embora tenhamos visto a ascensão do fascismo na Itália desde o início.

A ideologia fascista que prevaleceu na época fez com que em 1938 fosse publicado o Manifesto da raça, texto assinado por cientistas italianos que endossaram a existência de raças humanas superiores. Essas raças foram divididas em pequenas e grandes raças, onde a ariana era, naturalmente, a maior e melhor de todas. Essas ideias, juntamente com as leis raciais fascistas, foram explicadas nas escolas e, com isso, as crianças evitariam se unir aos judeus para não alterar sua “pureza”.

Quando Guido, seu tio e Giosué são capturados e estão sendo levados ao campo, Dora não é obrigada a ir, pois é italiana e não judia, mesmo assim decide ir voluntariamente para tentar ficar com sua família. A partir deste momento, o filme toma um rumo radical, o tom alegre e despreocupado caminha para a tragédia. Mas Guido não perde o sorriso, sempre tenta lutar por sua sobrevivência e a de sua família e começa a inventar uma história que evita o sofrimento do pequeno Giosué.

Uma frase, uma crença ou uma ideia podem fazer o mundo de uma pessoa mudar completamente, possibilitando que a nossa maneira de ver a vida se transforme e nos permita encontrar sentido. Nessa linha, Ferruccio, amigo de Guido, conta a ele no início do filme que, segundo Schopenhauer, “com a vontade você pode fazer tudo”. Esta frase marcará Guido para sempre. No início, ele vai usá-la comicadamente, mas com o tempo, percebemos que será o seu modo de vida.

Fica claro que Guido tem um objetivo, que é sobreviver, mas, acima de tudo, quer que seu filho também saia com vida. Ele lutará até o fim, tentando impedir que o pequeno perca seu sorriso, e que possa ser feliz mesmo estando no inferno. Sacrificará sua própria segurança para que seu filho não veja os horrores do campo de concentração, fará todo o possível para encontrar Dora e enviar sinais para que ela saiba que ainda estão vivos.

Guido nos mostra um exemplo de luta e superação de adversidades. Sua grande imaginação e vontade criarão uma falsa realidade para que seu filho não tenha consciência do que está vivendo. Fará o pequeno acreditar que tudo é um jogo, que eles são livres e podem sair quando quiserem, mas se eles resistirem e conseguirem ganhar mil pontos terão sua recompensa – um tanque de guerra – que Giosué sempre sonhara ter.

Para Guido a sobrevivência é incerta, não sabe todos de sua família irão sobreviver, não sabe quanto tempo eles permanecerão no campo, mas o seu desejo de sobreviver é mais forte do que qualquer incerteza. Ele não deixa que seu filho o veja devastado, triste ou sem vontade de se manter vivo. Ele nos mostra que a felicidade, às vezes, é a nossa maneira de encarar a vida, para aceitar e lidar com a adversidade.

Apesar da grande destruição que ocorreu nos campos de concentração, teve pessoas que conseguiram enfrentar a tortura, a fome e a injustiça. Temos como exemplo disso Viktor Emil Frankl que, depois de a sua sobrevivência num campo de concentração publicou diversos livros, entre eles o intitulado “Em Busca de Sentido”, onde também relata sua trajetória enquanto prisioneiro

A Vida é Bela é um exemplo de excelência, nos faz ver a beleza em horror e liberdade, mesmo onde ela não existe, nos faz rir e chorar... Guido tinha uma razão, uma vontade e conseguiu criar esse sentimento em seu filho. Assim, apesar da crueza do filme, podemos dizer que a sua luta e seus esforços foram recompensados.¹

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os fatos presentes na obra cinematográfica “A Vida é Bela” permitirão ilustrar as concepções vindas da Logoterapia, já discutidas no decorrer deste trabalho, por meio dos relatos das cenas que têm ligação com a literatura logoterápica e os pensamentos de Viktor Emil Frankl, dentre os conceitos estão: o sentido da vida, resiliência, autodistanciamento, autotranscendência e a finitude da vida.

¹ Texto sobre o filme corrigido e adaptado de Simões (2019).

4.1 Primeira Passagem: A ida para o campo de concentração, um sentido para a vida, a capacidade de criar e o autodistanciamento

É o dia do aniversário de Giosué, todos estão felizes por isto e pelo fato de que sua avó materna irá visitá-los após longos anos sem os procurar. Dora sai para buscar sua mãe e deixa o filho, o marido e o tio de seu esposo terminando de arrumar as coisas da festa. Quando volta, tudo está revirado. O motivo? Os soldados fascistas levaram-nos. Estavam a caminho do campo de concentração.

Durante o trajeto, Guido, seu filho Giosué e seu tio Eliseu são obrigados a entrar no trem (Dora, apesar de não ser judia, exige que deixem-na ir também e assim é feito). Começa aqui a tentativa de Guido de fazer com que seu filho não perceba o que está acontecendo, e para que possam sobreviver ao que está por vir. Ele diz ao pequeno que farão uma viagem de trem de última hora, tanto que comprou as últimas passagens, que ele irá gostar, pois será muito bonito, apesar do trem não ter bancos e todos ficarem em pé.

Guido continua se mantendo firme, alegre, sorridente, apesar do medo, da incerteza do que estar por vir. Faz uso de sua criatividade para que seu filho não se dê conta da situação (OLIVEIRA, 2018). Ele tem um sentido, um motivo para que o faça seguir em frente – sua sobrevivência e a de seu filho. Sobre isso, Frankl afirma que quando a pessoa encontra um sentido para sua vida, acha um motivo para viver, isto o torna apto para enfrentar os sofrimentos não evitáveis, e afirma ainda que os irá suportar com bravura. Ao considerar isso, ele e outros autores destacam que é comum produzir sentido por meio de processos criativos, por meio da construção de vínculos afetivos; e que, da mesma maneira que os sentidos são singulares, eles também se modificam ao longo do tempo, dando a possibilidade de criar novos significados para situações desfavoráveis que não podem ser mudadas (ROVINA; OLIVEIRA, 2018).

Outro ponto presente nesse momento, segundo Oliveira (2018), é o autodistanciamento, que, de acordo com Frankl (2011), é entendido como a capacidade puramente humana de distanciar-se de si mesmo. É possível fazer uma escolha em relação a si mesmo, ainda que condicionamentos se façam presentes. É possível compreender, assim, que o homem tem dentro de si a potencialidade de resistir corajosamente às piores situações. O autodistanciamento está aqui relacionado ao heroísmo, mas também pode se manifestar por meio do humor ou, mais especificamente, da capacidade de rir apesar do sofrimento (SANTOS, 2016).

Silveira e Mahfoud (2008, p. 572), ao citarem Frankl (1946/1989a, p.327), afirmam que quando “o sujeito ri de seus problemas provoca uma distância entre o núcleo do seu ‘eu’ e a situação problemática. O humor possibilita ao homem tornar-se ‘senhor de si’ [...]. O homem

coloca-se ‘acima de uma situação’ para dominá-la.” Em outras palavras, esse manter-se longe da situação, principalmente quando esta lhe for difícil, faz com que a pessoa esteja espiritualmente mais afastada, permitindo então compreender que ela própria não é a situação, não é o que lhe acontece, não é a sua limitação. Considerando isso, Frankl (2008), nos relata que estas determinações são o solo sobre o qual há um espaço para decidir o que se tornar, e se abrir para a busca de um sentido. E aqui se está no ambiente da dimensão noológica/espiritual (SANTOS, 2016).

4.2 Segunda Passagem: Chegada ao campo de concentração e a dimensão noética

Quando chegam ao campo de concentração, homens e mulheres são separados e colocados numa fila em direção aos seus barracões. Neste momento, Giosué pede para que seu pai diga como será o jogo que participarão. Guido explica que todos do campo serão seus adversários, que homens e mulheres vão competir em lugares separados, além disso, também tem os guardas e não será fácil, pois se algum deles errarem vão para casa na mesma hora. Quando questionado sobre o prêmio, seu tio Eliseu diz que será um tanque de guerra, Guido completa dizendo que será um tanque de guerra de verdade. Ao saber, o pequeno fica superfeliz. Mesmo deixando-se parecer empolgado e contente, Guido estava preocupado e receoso de como seriam as coisas. Apesar disso, Oliveira (2018) concorda que ele se saiu bem ao criar essa história em meio ao caos.

Na logoterapia é possível encontrar o conceito de supra sentido – ou seja, aquilo que vai além da compreensão do homem, como a fé ou a esperança no futuro, e é isto que gera forças para superar os problemas. Sobre essa questão, Frankl tentou demonstrar que, por mais grave que seja a adversidade, o ser humano tem uma dimensão que não é atingida – a noética/espiritual (LIMA, 2010).

4.3 Terceira Passagem: Trabalho forçado e degradante, a força de se ter um sentido para a vida e a capacidade de ser resiliente

Numa das cenas seguintes, Guido está carregando uma bigorna, assim como os demais prisioneiros. Estão em um lugar extremamente quente e a bigorna é deveras pesada, a ponto de Guido quase não aguentar carregá-la desejando colocar a peça no chão e dizer aos guardas que não consegue levar. Porém, é alertado por Vitorino que, caso venha a fazer isso, eles o matarão.

Guido, então, continua a segurar a bigorna e logo se ergue usando uma de suas últimas forças para carregar o objeto ao destino, apesar do peso e do calor excessivo. O que chama atenção nesta passagem é a força que Guido tem perante a circunstância. Não se entrega, segue em frente, apesar de tamanho sofrimento. É possível ver, não só aqui, mas durante outros acontecimentos vivenciados por Guido, o quanto ele é resiliente, pois, para Oliveira (2018), essa capacidade se mostra, nesse trecho, quando o personagem pensa na hipótese de não conseguir ir adiante, de não ser possível resistir à adversidade, mas sua vontade de sentido permitiu com que ele pudesse ultrapassar esses pensamentos, fazendo com que fosse possível superá-los.

Desse modo, diz-se que uma pessoa é resiliente quando ela é capaz de aprender com as adversidades e não apenas sobreviver ao sofrimento. É em meio às crises que as oportunidades são criadas, que o ser humano se recria, se reinventa e mostra potencialidades até então desconhecidas (LIMA, 2010). Frankl entende que a resiliência se torna uma das consequências de se encontrar o sentido da vida e se movimentar para realizá-lo, permitindo dizer um “sim” à vida apesar de tudo, considerar a crise um desafio significativo, compreensivo e manejável. Desta forma, é preciso ter a percepção de que o sofrimento tem seu sentido (CRUZ; LIMA; BARRETO, 2017).

4.4 Quarta Passagem: A capacidade de lidar com o inesperado e a autotranscendência

Noutro momento, Giosué aparece desesperado dizendo ao pai que lá no campo eles fazem sabão e botões das pessoas que estão lá, e também as jogam no forno. Guido tenta contornar a situação falando que é mentira, que não fazem isso. Mas, o pequeno continua apavorado e quer ir embora. Com tamanha insistência da parte do garoto para ir embora, Guido concorda em ir, pega as coisas dos dois e vai andando em direção à porta, mas alerta que com isso eles perderão o prêmio que já estavam prestes a conseguir. Assim, quando o pai já está do lado de fora do alojamento, Giosué desiste e quer ficar. Guido volta e está muito aliviado, pois, de fato, não poderiam ir, só fez isso para que seu filho acreditasse que eram livres e que podiam sair quando quisessem. Corroborando com Oliveira (2018), podemos ver que seu olhar de medo e insegurança são claros, porém ele mantém a criatividade, a imaginação e consegue convencer o garoto. Ele pensa apenas em manter seu filho em segurança, tirando o foco de si, de sua dor, do sofrimento vivido no campo. É possível perceber, então, o que Frankl denomina de autotranscendência.

O autor diz que:

A autotranscendência também faz parte da essência do ser humano — a pessoa é aberta ao mundo, coloca-se em relação, volta-se para algo ou alguém diferente de si. “Ser homem significa [...] ser para além de si mesmo. [...] Ser humano significa ordenar-se em direção a algo ou a alguém: entregar-se [...] a uma obra a que se dedica, a uma pessoa que ama, ou a Deus, a quem serve” (FRANKL, 1989, p. 45, apud SOUTO, 2020).

Sobre o transcender, Pereira (2015) menciona que Scheler (2003) fala do “desprendimento” e da “separabilidade” que o espírito proporciona à condição humana. Como ser espiritual, no ser humano, faz referência a como ele é capaz de conseguir se distanciar de sua parte biológica e de suas determinações psíquicas; resumindo, da possibilidade mesma de objetivar, conscientemente, tais imposições, e de poder escolher livremente uma resposta perante a elas. O autor também cita Frankl (1995, p. 96) o qual nos diz que, no homem, o que chamamos de “espiritual” aponta para a dimensão de lucidez e autoconsciência que pode ir de encontro com todos os tipos de condicionamentos – sejam estes sociológicos, biológicos ou psíquicos. Portanto, mostra que o homem é capaz de decidir e de se autoconfigurar: “Por definição, o espiritual é só o livre no homem. Partindo de um princípio, chamamos ‘pessoa’ só aquilo que pode comportar-se livremente, sejam quais forem as circunstâncias”. Assim, a dimensão espiritual torna o indivíduo apto para tornar perceptíveis as dinâmicas de determinação e controle de qual faz parte, transformando automatismo em autonomia.

4.5 Quinta Passagem: A capacidade de amar e olhar para dentro de si e o poder que o amor tem de nos manter vivos e nos dar sentido para seguir em frente

Após trabalhar como garçom, Guido caminha com Giosué em seus braços para voltar ao alojamento, mas acaba errando o caminho e começa a conversar com o menino. Percebendo que este dormia, ele começa a imaginar que de manhã Dora irá acordá-los com um café da manhã bem gostoso, com leite e biscoitos e que após o café fará amor com sua amada duas ou três vezes ou até aguentar. Em um de seus relatos, Frankl (1991, p. 20), de acordo com Medeiros, Pereira, Silva e Dias (2020, p. 11), comenta que os prisioneiros sonhavam acordados: “Eles sonhavam com pão, com tortas, cigarros e com uma banheira cheia de água quente. A não satisfação das respectivas necessidades mais primitivas fá-lo experimentar a satisfação das mesmas em sonhos primitivos”. Nessa cena, Guido mostra que o amor também está presente (OLIVEIRA, 2018).

Fossati (2009) diz que falar de amor num ambiente tão cruel quanto num campo de concentração, onde está repleto de dor, sofrimentos, incertezas, poderia ser visto como mero romantismo. Mas a capacidade de amar e de olhar para dentro de si é, talvez, uma das poucas coisas passíveis de serem salvaguardadas pelos prisioneiros.

E é o que Frankl também faz. Em uma de suas memórias nos conta que:

Enquanto avançamos aos tropeços, quilômetros a fio, vadeando pela neve ou resvalando no gelo, constantemente nos apoiamos um no outro, erguendo-nos e arrastando-nos mutuamente. Nenhum de nós pronuncia uma só palavra mais, mas sabemos neste momento que cada um só pensa em sua mulher. Vez por outra olho para o céu onde vão empalidecendo as estrelas, ou para aquela região no horizonte em que assoma a alvorada por detrás de um lúgubre grupo de nuvens. Mas agora meu espírito está tomado daquela figura à qual ele se agarra com uma fantasia incrivelmente viva, que eu jamais conhecera antes na vida normal. Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo e – tanto faz se é real ou não a sua presença – seu olhar agora brilha com mais intensidade que o sol que está nascendo. Um pensamento me sacode. É a primeira vez na vida que experimento a verdade daquilo que tantos pensadores ressaltaram como a quinta-essência da sabedoria, por tantos poetas cantada: a verdade de que o amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Compreendo agora o sentido das coisas últimas e extremas que podem ser expressas em pensamento, poesia e em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! Passo a compreender que a pessoa, mesmo que nada mais lhe reste neste mundo, pode tornar-se bem-aventurada – ainda que somente por alguns momentos – entregando-se interiormente à imagem da pessoa amada. Na pior situação exterior que se possa imaginar, numa situação em que a pessoa não pode realizar-se através de alguma conquista, numa situação em que sua conquista pode consistir unicamente num sofrimento reto, num sofrimento de cabeça erguida, nesta situação a pessoa pode realizar-se na contemplação amorosa da imagem que ele porta dentro de si da pessoa amada. Pela primeira vez na vida entendo o que quer dizer: Os anjos são bem-aventurados na perpétua contemplação, em amor, de uma glória infinita (FRANKL, 2003, p. 43, apud FOSSATI, 2009, p. 40).

A vontade de encontrar Dora, seu amor, faz com que ele possa sonhar com dias diferentes, sem caos, dor, sofrimento. É possível observar, portanto, de acordo com Fossati (2009), que do amor podemos ganhar vida, mesmo nas condições extremas de sofrimento, e a liberdade humana para sonhar e posicionar-se perante as situações que a vida lhe apresenta. O amor torna as pessoas responsáveis umas pelas outras. O simples fato de lembrar da pessoa amada nos serve de alento, de conforto para a alma e dá forças para suportar o sofrimento e perseguir um objetivo, que, no caso de Guido, era a sua sobrevivência e as de quem amava – seu filho e sua esposa.

4.6 Sexta Passagem: A finitude do homem e a certeza de ter cumprido o objetivo do sentido que se tinha para a vida

Nos últimos momentos do filme, o exército libertador está para chegar, fazendo com que o campo de concentração comece a entrar em uma situação de guerra. Com isso, Guido pega Giosué e fogem do alojamento procurando um lugar para se esconderem dos soldados nazistas, que estavam matando todos os prisioneiros que podiam antes da força inimiga chegar e rendê-los. Mas Guido também precisa salvar sua esposa, para isso deixa seu menino escondido pedindo-lhe que, caso não volte, ele só saia quando tudo estiver vazio e em silêncio. Objetivando que Giosué se mantenha longe dos olhos dos guardas, Guido lembra que estão com 940 pontos e só faltam 60 para alcançar os mil e ganhar o tanque de guerra. O pequeno fica empolgado, feliz e se esconde. Em seguida, Guido vai atrás de Dora, porém acaba sendo descoberto e levado em direção a morte certa. No caminho passa em frente de onde seu filho está e, sabendo que ele o vê, começa a marchar de forma engraçada com o objetivo de mostrar a Giosué que está tudo bem, mesmo sabendo que iria ser executado. Guido morre, Giosué e Dora sobrevivem, ganhando, assim, a liberdade. O pequeno vence graças a coragem e empenho de seu pai.

Na concepção logoterápica, Pacciolla (2016), presente em Oliveira (2019), defende que a morte pertence à vida. Dessa forma, dar sentido à vida também implica dar um sentido à morte. Necessariamente, uma é consequência da outra. O modo como o indivíduo desenvolve sentidos durante a vida tende a contribuir para o enfrentamento da morte com mais significado. Aqui o significado da vida não se resume em “como se vive”, mas também em “como se morre”.

Ademais, em qualquer situação humana o indivíduo pode encontrar o sentido; mesmo no último momento da vida há possibilidades de tê-lo. Até diante daquilo que Frankl chamou de “tríade trágica” – a dor, a culpa e a morte – é possível encontrá-lo. A “tríade trágica” – sofrimento, culpa e morte – em Frankl, é a manifestação da característica antropológica da análise existencial em logoterapia, ou seja, o ser-humano-é-finito (MOREIRA; HOLANDA, 2010).

Infelizmente, o destino de Guido é decidido por outras pessoas, ele termina sua vida na mira de uma arma, foi fuzilado. Mas deixou sua história, encontrou o seu sentido na vida, foi resiliente até o último instante. Em nenhum momento, concordando com Oliveira (2018), se entregou, sempre resistiu às adversidades que apareciam, superando-as por uma causa maior – seu filho. Devido ao amor que sentia por Dora e Giosué, transcendeu seu sofrimento. Sua

vontade de viver e sair do campo livre junto com sua família possibilitou que ele revivesse a cada dia.

Assim, com seu modo de agir, Guido nos mostra que podemos, apesar de tudo, dizer sim à vida, onde a base para isso se encontra no ter um sentido para viver.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “A vida é Bela” nos leva para um lugar onde jamais poderíamos imaginar que é possível, mesmo com tamanhas dificuldades, dores, sofrimentos, caos, dizer sim para a vida. Nos permite refletir sobre como podemos enfrentar cada momento difícil, apesar de não passarmos pelas mesmas situações, pois cada pessoa tem suas vivências. A figura de Guido deixa claro como pode agir uma pessoa quando possui um sentido para a vida. Além de ser resiliente, ele consegue transcender, ir além de si, enfrentar com bravura todas as circunstâncias, inclusive sua morte, em prol de algo maior – a sobrevivência de seu filho Giosué.

Viktor Frankl também passou por campos de concentração e sentiu na pele a dureza que é estar lá. Mas, diferente de Guido, sobreviveu e também nos mostrou que, apesar das adversidades, podemos dizer “sim” à vida. Foi, assim como o personagem, extremamente resiliente diante de tudo, transcendeu, amou, viveu, apesar de tudo. Passou autenticamente pela vida. E é sobre isso que a Logoterapia de Frankl nos diz, que todo ser humano é potencialmente capaz de enfrentar qualquer coisa, conta com fortalezas dentro de si que lhe permitem superar situações adversas, na medida em que estas se apresentam no decorrer da vida. Assim, como nos mostra Kroeff, (2011), a abordagem logoterápica vê o homem como um ser livre, capaz de tomar consciência de que assim o é, e de atuar com responsabilidade, movido pelos sentidos que o próprio encontra para sua vida. A logoterapia visa ampliar a capacidade da pessoa de perceber todas as possibilidades existentes de sentido em sua vida, escolhendo para realizar aquelas que considera mais significativas.

O filme possibilitou enxergar, por meio das cenas e relatos destas, conceitos teóricos revelados por Frankl através de sua abordagem logoterápica e seus relatos de vida nos campos. Os pressupostos expostos aqui podem corroborar com os apresentados por Oliveira (2018), com destaque especial para o sentido da vida, a resiliência e os recursos noéticos, sendo os dois últimos, segundo a autora, características inatas ao ser humano que revelam o quanto cada um de nós podemos ser fortes perante ocorrências difíceis e indesejadas, tendo a opção de se deixar

abater ou seguir e lutar por um objetivo, que é o que pontua Frankl, quando defende a vontade de sentido, considerando-a o motivo pelo qual dizemos sim para a vida.

Com a análise das cenas do filme junto a discussão teórica, fica claro, assim como para Oliveira (2018), que o autodistanciamento e a autotranscedência são aspectos específicos do ser humano, o que faz com que ele se diferencie de quaisquer outros seres presentes na natureza, e juntos possibilitam melhor resiliência e menos dor diante do sofrimento, pois quando somos resilientes podemos lidar melhor com o sofrimento ou nos tornar capaz de transcendê-lo, encontrando outro foco para a existência que não apenas o sofrer.

REFERÊNCIAS

- A Vida é Bela. Direção: Roberto Benigni. Produção: Gianluigi Braschi; Elda Ferri. Intérprete: Roberto Benigni; Nicoletta Braschi; Giorgio Cantarini. Roteiro: Roberto Benigni; Vincenzo Cerami. Fotografia de Tonino Delli Colli. Itália: Melampo Cinematografica, 1997. *Online*.
- ANDRADE, C. J. Viktor Frankl: O sentido da Logoterapia e sua atualidade contextual. **Psicólogo informação**, São Paulo, v. 21-22, n. 21-22, p. 99-114, 2017-2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PINFOR/article/view/9178/6453>
- BRANDÃO, J. M. **Resiliência**: De que se trata? O conceito e suas impressões. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/TMCB-7WYN7C/1/disserta__o__final.pdf
- BRITO, J. T. **Reflexões sobre o sentido da vida na terceira idade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/8279/1/PDF%20-%20Jailma%20Tavares%20de%20Brito.pdf>
- CARNEIRO, C., ABRITTA, S. Formas de existir: a busca de sentido para a vida. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 190-194, dez. 2008.
- CARRARA P. S. Espiritualidade e saúde na Logoterapia de Victor Frankl. **Interações – Cultura e Comunidade**, Belo Horizonte, v.11, n.20, p. 66-84, jul.- dez. 2016.
- CHAVES, A. L. G. L. **Resiliência e Formação Humanas em Professores do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal – Em busca da integralidade**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3852/1/arquivo264_1.pdf
- CHEQUINI, M. C. M. A importância da espiritualidade nos processos de resiliência. **Psicologia Revista São Paulo**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 93-117, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18059/13419>
- COELHO JÚNIOR, A.G; MAHFOUD, M. **As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana**: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, v. 12, n. 2, p. 95-103, 2001.
- CRUZ, F. T. I.; LIMA, C. C.; BARRETO, A. C. Resiliência e sentido da vida: Relações entre a Psicologia Positiva e a Logoterapia. **Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica**, 2017. ISSN 2446-6042.
- CRUZ, J. S.; AQUINO, T. A. A. Espiritualidade e resiliência: Relevância e implicações no pensamento frankliano. **Rever**, São Paulo, v. 20, n.2. maio-ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i2a7>

FOSSATTI, P. **A produção de sentido na vida de educadores**: Por uma logoformação. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3594/1/410837.pdf>

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

JUNQUEIRA, M. F. P. S.; DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 227-235, 2003.

KOCHLA, K. R. A. **O encontro do sentido**: Uma luz para a trajetória resiliente das mães que vivenciaram o câncer. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: http://www.ppgenf.ufpr.br/TESE%20KATIA%20RENATA%20KOCHLA.pdf?fbclid=IwAR2IgQ0qR-UtK5t2k36Qft8u9foKRiF2d_-124vfCl1w7pHEphWQCDID0aU

KROEFF, P. Logoterapia: Uma visão da psicoterapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v.17, n. 1, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100010

LABRONICI, L. M. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. **Revista Texto e Contexto**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 625-632, 2012.

LAVOR, M. T. **A pessoa idosa em busca de sentido**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2018. Disponível em: <https://unileao.edu.br/repositoriobibli/tcc/MARIA%20THAYTA%20DE%20LAVOR.pdf>

LEHMKUHL, L. A criatividade como potencializadora do processo gestalt-terapêutico. **Revista IGT na Rede**, v. 12, n. 23, p. 315-326, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v12n23/v12n23a04.pdf>

LIMA, A. L. Viktor Emil Frankl: Um exemplo de resiliência. **Psicologia.com.pt**. 2010. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0533.pdf?fbclid=IwAR2hRXB9FkoKif_zFtAAERggcOaahyUpUcUEZ4ZjIKJEDRwdZhi7nfJlhk0

LIMA, L. A.; FIRMINO, F. F.; PEREIRA, L. A.; LEMOS, P. M. Considerações sobre a logoterapia e a análise existencial como leituras do funcionamento do psíquico: Uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 14162-14174, mar. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/7927/6873>

MEDEIROS, A. Y. B. B. V.; PEREIRA, E. R.; SILVA, R. M. C. R. A.; DIAS, F. A. Fases psicológicas e sentido da vida em tempos de isolamento social pela pandemia de COVID-19:

Uma reflexão a luz de Viktor Frankl. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 5. mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3331>

MIGUEZ, E. M. **Educação em Viktor Frankl**: Entre o vazio existencial e o sentido da vida. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14122015-164230/publico/TESE.pdf>

MINOZZO, L. **Em busca do sentido da vida na terceira idade**: Caminhos da cura da depressão através da Psicoeducação. 1 ed. Porto Alegre: WS Editor, 2013. Disponível em: <https://www.leandrominozzo.com.br/em-busca-do-sentido-da-vida.pdf>

MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: Convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, São Paulo, v.15, n. 3, p. 345-356, dez. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4010/401036083008.pdf>

NORONHA, M. G. C. S.; CARDOSO, P. S.; MORAES, T. N. P.; CENTA, M. L. Resiliência: nova perspectiva na promoção da saúde da família? **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 497-505, mar-abr, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4W653CP4BgFLXstQKdfzhKP/?format=pdf&lang=pt>

OLIVEIRA, A. R. S. **Análise logoterápica do filme “A Vida É Bela”**: O sofrimento de uma história com sentido. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/14813/1/ANA%20RAQUEL%20DE%20SOUSA%20OLIVEIRA%20-%20TCC%20PSICOLOGIA%202018.pdf>

OLIVEIRA, J. B. D. **Espiritualidade, Sentido e Resiliência**: Aproximações no campo da saúde integral e da finitude. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/10066/1/joelsonbrunodiasoliveira.pdf?fbclid=IwAR1pCkNLF12NHwsyLN7rVgVKB4XdEseI_1xDxBbIdj89gg_M_o4y7cViguo

PEREIRA, I. S. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, v. 26, n. 3, p. 390-396, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/109970/108547>

PEREIRA, E. T. R. **A falta de sentido existencial como uma das raízes para o suicídio**: Um estudo de caso. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/33026/1/Monografia%20Edvania.pdf>

PERES, M.F.P.; ARANTES, A. C. L. Q.; LESSA, P.R.; CAOUS, C. A. A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. **Revista Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 82-87, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/Fm8XHkdQd8Rz5cp5dbvfNlf/?lang=pt&format=pdf>

RODRIGUES, L. A.; BARROS, L. A. Sobre o fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à Psicologia. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1-2, p. 11-31, jan-fev. 2009. Disponível em:

<http://espiritualidadesentido.yolasite.com/resources/sobre%20o%20fundador%20da%20logoterapia.pdf>

ROVINA, C. C. L.; OLIVEIRA, V. H. de. O sentido da vida e suas implicações na saúde psíquica. **Psicologia – Saberes & Práticas**, v. 1, n. 2, p. 53-60, 2018. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/psicologiasaberes&praticas/sumario/64/16012019152824.pdf>

SANTOS, D. M. B. Logoterapia: Compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, ago. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200011&fbclid=IwAR3elbKhmN2MYp1_alQmej2nmfUnULW4MAU3i4C5S5PfGfyNy2dwaZBIRZM

SANTOS, R. B. **Logoterapia a Psicologia a Partir do Espiritual**. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes – RO, 2013. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/550/1/SANTOS%2c%20R.%20B.%20-%20LOGOTERAPIA..%20A%20PSICOLOGIA%20A%20PARTIR%20DO%20ESPIRITUAL.pdf>

SCHWARZ, L. R. **EnvelheSer – a busca do sentido da vida na terceira idade**: Uma proposta de psicoterapia grupal breve de orientação Junguiana. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-16122008-161154/publico/schwarz_do1.pdf

SILVEIRA, D. R.; GRADIM, F. J. Contribuições de Viktor Frankl ao movimento da saúde coletiva. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 21, n. 2, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000200005

SILVEIRA, D. R.; MAHFOUD, M. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.25, n. 4, p.567-576, out-dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/D9RkbqqjmZy3d7ZJKDsGx7J/?format=pdf&lang=pt>

SIMÕES, F. A Vida é Bela: Um filme sobre a superação de adversidades. **A soma de todos os afetos**, 2019. Disponível em: <https://www.asomadetodosafetos.com/2019/04/a-vida-e-bela-um-filme-sobre-a-superacao-de-adversidades.html>

SOUTO, F. Q. Logoterapia e juventude: A busca pelo sentido da vida. **Cadernos de Fé e Cultura**, Campinas, v.5, p.1-10, 2020. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cadernos/article/view/5095>

VÉRAS, A. S.; ROCHA, N. M.D. Produção de artigos sobre Logoterapia no Brasil de 1983 a 2012. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p. 355-374, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844507020.pdf>